

O mar como identidade, liberdade e reino: um estudo de mar-poesia, de Sophia de Mello Breyner.

p. 61 - 67

Hilda Regina Gelinski.¹

Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo.²

Resumo

Sophia de Mello Breyner é destaque na literatura portuguesa. Poetisa de uma linguagem cristalina, despojada, da claridade e da clareza, do sol e do luar, de um desejo de totalidade, em sua obra se destaca a natureza marítima, manifestando suas convicções mais íntimas e profundas, mas também cede espaço para que os elementos cósmicos, as coisas, os seres e o social possam se manifestar. Sophia nasceu no Porto (1919) e passou parte de sua vida na Praia da Ganja, isto fez com que aumentasse sua admiração pela vida marinha e seu interesse por desvendar os seus enigmas, servindo-se dos vários aspectos para equacionando-os, provocar o reencontro do “eu”. Esta pesquisa prioriza o estudo do tema “mar” em alguma de sua poesia mediterrânica, em que predominam os aspectos de identificação do sujeito lírico, sua liberdade em relação ao mundo e às pessoas e a descrição do mar como reino. A liberdade de amar profundamente a praia e unir-se ao mar, vento e lua, a identificação do sujeito lírico como maresia e as metáforas descritivas do reino marítimo demonstram a relação íntima de Sophia com o mundo e se harmonizam na forma melódica e perfeita do poema, como o movimento de refluxo das ondas, em que nos seus versos tantas vezes ressoa.

Palavras-chaves: Sophia de Mello Breyner; mar; liberdade; identidade; reino.

Abstract

Sophia de Mello Breyner is a standout in the Portuguese literature. She is a poet with a deprived and crystal language; a poet of brightness and clarity, of the sun and the moon, of a desire for completeness. Her work is marked by the maritime nature, manifesting her most intimate and deep convictions; it also yields to cosmic elements, the things, the beings and the social, so they can be unfold. Sophia was born in Porto in 1919 and she has spent part of her life in the Ganja beach, a fact that increased her admiration for the marine life and her interest for unveiling its enigmas, providing herself with its many aspects to equate them for triggering one's inner meeting. This research emphasizes the theme “sea” in some of her Mediterranean poetry in which aspects of identification of the lyric subject, his freedom in relation to the world and to the people and the description of the sea as a kingdom prevail. The freedom to deeply love the beach and join the sea, the wind and the moon, the identification of the lyric subject with the salt air and the descriptive metaphors of the maritime kingdom demonstrate the intimate relationship of Sophia with the world as they harmonize in the melodic and perfect form of the poem, like the reflux movement of the waves, in which her verses resound so many times.

Keywords: Sophia de Mello Breyner; sea; freedom; identity; kingdom.

1 Bolsista do grupo PET-Letras da Universidade Estadual do Centro- Oeste.. E-mail: tuka.hr@hotmail.com

2 Pós-doutora em Letras na Universidade dos Açores, professora adjunta da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: nthimoteo@gmail.com

*No poema ficou o fogo mais secreto
O intenso fogo devorador das coisas
Que sempre esteve muito longe e muito perto.*

A poesia de Sophia: temas e fontes

*Quando morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar.
Inscrição*

Poetisa e contista portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen é considerada uma das maiores figuras da literatura portuguesa contemporânea. Sua poesia está relacionada aos elementos cósmicos, às coisas, aos seres, à natureza e ao social. “Sophia manifesta as suas convicções mais íntimas e mais profundas, mas também permite que o ser na sua essência se manifeste (o ser pedra, praia...) todo o cosmos se manifesta na poesia de Sophia.” (LAMAS. 1998, p, 49). Tudo e todo aquele que provoca a contemplação da poetisa é fonte para as suas descrições. A busca da unidade do homem com os elementos da natureza e também a busca do homem com o ser humano, mostram a diversidade de alicerces que vigoram na poesia de Sophia. Não é apenas a imensidão íntima de Sophia que é exposta em sua poesia, mas a poetisa acaba cedendo alguns versos para os elementos que necessitam de suas palavras para que possam se manifestar.

“A sua poesia é a visão do mundo, visão feita de palavras, palavras-objetos que Sophia manipula artisticamente, não palavras escolhidas pela beleza, mas escolhidas pela sua realidade e poder poético de estabelecer uma aliança”. (LAMAS. 1998, p, 48). O mundo visto pelos olhos de Sophia e lido pelas suas palavras nos faz compreender quão grande é o poder das letras que não precisam, necessariamente, serem belas para poderem exprimir a realidade que o eu-lírico tanto explora, formando assim a aliança entre as palavras, sua visão de mundo e a realidade.

Um tema muito explorado na obra de Sophia de Mello Breyner é a natureza marítima: o mar, as algas, os peixes, as conchas, as ondas... O fato de a poetisa ter nascido no Porto e ter passado grande parte da sua infância e juventude na Praia da Granja, fez com que aflorasse sua paixão pela vida marinha e seu interesse por desvendar os enigmas do mar.

Mar e sua amplidão, “o mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim” é constante em sua poesia e assume vários aspectos como: reencontro do “eu” na solidão, a fuga da multidão, do cotidiano e também a comunhão com o que há de mais puro. O mundo do mar, amparado pelo silêncio, pelo vento, pela luz solar e pelo luar fez com que houvesse um diálogo único entre Sophia e o possuidor desta vastidão, o mar.

Para Sophia a poesia sempre foi uma perseguição do real. Sua primeira recordação é de um “quarto em frente do mar...” em sua *Antologia Poética*, lembrada por Eduardo Coelho em seu artigo “O real, a aliança e o excesso na poesia de Sophia de Mello Breyner”:

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que descobria. (...) Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. (...) E se a minha poesia, tendo partido do ar, do mar e da luz, evoluiu, evoluiu sempre dentro dessa busca atenta. (COELHO, 1972, p. 225)

Para o crítico Antonio Ramos Rosa, Sophia é a poetisa da claridade e da clareza. Sua linguagem é transparente e luminosa, mesmo nos poemas mais obscuros. “Na sua fulgurante nudez os poemas de Sophia criam uma euritmia cósmica como se a missão do poeta fosse transcender a noite na *lumière nature* de Rimbaud.” (ROSA, 1987, p. 16).

Também a identidade de Sophia com os

cosmos, sempre aparente em sua obra, foi descrita por Lamas, lembrando a relação intensa que Sophia tem pelos elementos e sua necessidade de liberdade para encontrá-los:

Essa atração pelo primitivo, essa imantização pela luz e pelo silêncio é peculiar ao texto de Sophia. O ‘eu’ desnuda-se, procura libertar-se de tudo quanto o acorrenta para poder ir ao encontro das coisas, numa caminhada repetida por praias, por descampados, por desertos, para se poder consubstanciar nos cosmos. É a identidade do eu com os cosmos. (LAMAS, 1998, p.95)

A essência da poética de Sophia: o mar.

*O mundo é grande, mas em nós
ele é profundo como o mar.*
Rilke

Helena Langrouva, em seu artigo “Mar-poesia em Sophia de Mello Breyner Andresen”, afirma que “a poesia de Sophia vive muito de caminhadas, partidas e reencontros solitários, sendo a praia espaço de caminho, partida, reencontro, contemplação, renovação, até de esperança de regresso...”. Uma das primeiras imagens do fundo do mar que aparecem na obra de Sophia, segundo Langrouva, é a do poema “Navio Naufragado”, no livro *Dia do mar*, poema incluído na antologia “Mar-poesia”. “A poesia de Sophia não valoriza nem desenvolve o naufrágio nem o negativo do mar e das viagens marítimas.” (LANGROUVA, 2002, p.18). Neste poema permanece o enigma sobre qual seria o futuro para os naufragos depois da morte:

E os corpos espalhados nas areias
Tremem à passagem das sereias,
As sereias leves de cabelos roxos
Que têm olhos vagos e ausentes
E verdes como os olhos dos videntes.
Navio Naufragado, p. 18

Langrouva estudou o mar de Sophia como identificação do sujeito lírico e concluiu que “a essência da sua alma poética vive da cumplicidade da maresia e da sua identidade como respiração da brisa marinha, numa harmonia perfeita de ritmo

vital anímico e espiritual.” (LANGROUVA, 2002, p. 6) Também o mar como liberdade foi visto a partir da dualidade do espaço fechado (quarto) e o espaço aberto, de libertação (mar). A oposição entre o ambiente fechado e o aberto, e os lugares eleitos para o “dia do mar” interferem nas ações do eu-lírico. Quando o dia do mar é no quarto, visto também como um cubo, pois pequeno e restrito é seu espaço, os gestos do eu-lírico são acompanhados pelo adjetivo “sonâmbulos”, demonstrando um movimento inconsciente, portanto, sem liberdade. Diferente disto, quando o dia do mar é no ar, sendo também um dia alto, ou seja, sem limites, os gestos do eu-lírico mudam radicalmente de “sonâmbulos” para “gaivotas” conquistando a plena liberdade de um dia junto ao mar e desfrutando da mesma liberdade com que as gaivotas voam e “se perdem rolando sobre as ondas, sobre as nuvens.”

Dia do mar do meu quarto – cubo
Onde os meus gestos sonâmbulos deslizam
Entre o animal e a flor como medusas.
Dia do mar no ar, dia alto
Onde os meus gestos são gaivotas que se
perdem
Rolando sobre as ondas, sobre as nuvens.
Dia do mar no ar (p. 20)

As metáforas do Pescador, do Marinheiro Real e do Pirata também são constantes na obra de Sophia. O Pescador “tem uma relação de fraternidade com ‘as coisas’, supera as emoções, tem o que Sophia designa ao longo da sua obra poética como ‘inteireza do ser’, integra o mar e o céu na sua realidade ontológica...” (LANGROUVA, 2002, p. 15). O Marinheiro Real “vive em paz, integra-se no ritmo do cosmos, cultiva essa mesma “inteireza”, atinge a perfeição, desconhece a cidade.” (LANGROUVA, 2002, p.15). O Pirata é cercado pela liberdade, “conjugando o gosto de estar só no seu barco com o gosto de se identificar com os mastros (...) é a alegoria do homem intrépido, viajante solitário, que à partida vence tudo o que é impeditivo ou destrutivo,

como que uma aspiração ou realidade de todo o ser humano que nasce, percorre solitário a vida.” (LANGROUPA, 2002, p. 15 e 16).

Algumas opiniões de Gaston Bachelard podem ser detectadas nos estudos sobre os mares de Sophia. Para Bachelard:

A verdadeira valorização é de essência social (...) Mas é necessário considerar também uma valorização dos devaneios do sonhador que foge da sociedade, que pretende tomar o mundo como único companheiro. (...) certas matérias transportam em nós seu poder onírico, uma espécie de solidez poética que dá unidade aos verdadeiros poemas. (BACHELARD, 2002, p. 139 e 140).

Veremos que a imensidão marítima de Sophia aproxima-se da imensidão íntima de Bachelard, uma vez que a contemplação do eu-lírico pela imensidão do mar gera um estado de alma particular, fazendo desta apreciação um momento único e infinito.

Identidade, liberdade e reino: os mares de Sophia

(...)
Odiei o que era fácil
Procurei-me na luz, no mar, no vento.
Biografia.

A partir de uma epígrafe poética a identidade do eu-lírico começa a ser revelada, com seus sintomáticos versos, Sophia descreve sua alma:

Mar,
Metade da minha alma é feita de maresia.
Atlântico

Mesmo com economia das palavras e sem a necessidade de mais versos, esta pequena epígrafe define a maresia como a verdadeira composição da alma poética, pois não apenas a metade, mas sim toda a alma é constituída pela maresia. Como diz Langrouva: “Um verso que define uma idiosincrasia da sua alma poética, como se a maresia pudesse a um tempo constituir metade

da essência da sua alma e eventualmente cobrir, pelo seu elemento etéreo – o cheiro vindo do mar que penetra no ar -, a outra metade da sua alma.” (LANGROUPA, 2002. p.6)

Além da maresia, encontramos a identidade marítima de Sophia em outra pequena, mas significativa epígrafe:

Quando eu morrer voltarei para buscar
Os instantes que não vivi junto do mar.
Inscrição

Mesmo tendo nascido no Porto e passado grande parte da sua vida em frente ao mar, o desejo de Sophia de viver eternamente junto a ele choca-se com esta mesma vontade exposta pelo eu-lírico em sua poesia. Neste caso, a praia serve como esperança de regresso da morte para viver com o mar aquilo que não foi vivido.

A contemplação que Sophia tem pelo mar, tornando sua alma de maresia e desejando, mesmo após a morte, retornar e viver junto dele, gera um estado de alma que coloca o sonhador fora do mundo próximo, como na imensidão íntima de Bachelard:

A contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular que o devaneio coloca o sonhador fora do mundo próximo, diante de um mundo que traz o signo do infinito. (BACHELARD, 2003, p.189)

No caso do eu-lírico, a contemplação pela imensidão do mar e pelo seu infinito, fazem-no sonhar somente com o mar e com a ideia de fazer esta relação marítima perdurar eternamente mesmo após a morte.

Na lírica de Sophia o mar também é sinônimo de liberdade. A liberdade de amar profundamente a praia e unir-se aos elementos mar, vento e lua é descrita em *Mar I*:

De todos os cantos do mundo
Amo com um amor mais forte e mais
[profundo
Aquela praia extasiada e nua,
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

Na *Poética do espaço* de Bachelard, há a definição de canto. Nele, temos a oportunidade de nos encontrarmos, ele se torna o espaço da nossa imobilidade que, por sua vez, se torna o espaço do nosso ser. Num canto acreditamos estar bem escondidos e protegidos de tudo:

(...)o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro, o local próximo de minha imobilidade. (...) A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade. A imobilidade irradia-se. (BACHELARD, 2003, p. 145 e 146).

Para Sophia, seu refúgio é a praia. Seu canto predileto (mesmo sem ângulos, sem paredes, sem teto) é a imensidão da praia. É ela quem lhe assegura a imobilidade mesmo sem a pressão das paredes, pois como num êxtase, o eu-lírico contempla tal espaço. A solidão e a imobilidade que encontramos num canto, o eu-lírico encontra na praia. Para ele não importa outros amores, outros cantos, outras pessoas... Seu local seguro que lhe dá a consciência de paz e imobilidade é o conjunto de areia mais mar. Além do eu-lírico poder encontrar-se consigo mesmo de frente ao mar, ele tem a liberdade de amar com maior apressado esta praia e unir-se ao mar, ao vento e à lua.

No poema “Eu me perdi” há outro aspecto de liberdade em Sophia de Mello Breyner:

Eu me perdi na sordidez de um mundo
Onde era preciso ser
Polícia agiota fariseu
Ou cocote

Eu me perdi na sordidez de um mundo
Eu me salvei na limpidez da terra
Eu me busquei no vento e me encontrei no
[mar
E nunca
Um navio da costa se afastou
Sem me levar

No poema anterior, a liberdade encontrada foi na imobilidade do canto praia e na união do eu-lírico com o mar, o vento e a lua. Neste poema há uma série de fatos que antecedem a relação do

eu-lírico com o mar, demonstrando a liberdade e também a identidade do sujeito lírico.

Primeiramente o eu-lírico se perde na sordidez do mundo e em seguida consegue se salvar na limpidez do elemento terra. Mesmo salvo, busca si próprio no vento, mas onde realmente se encontra é no mar. Ou seja, ele se perde, se salva e se busca nos mais diferentes lugares, entretanto, o único lugar onde ele verdadeiramente se encontra e encontra sua completa liberdade é no mar.

Em *A água e os sonhos* de Bachelard, há a moral da água. “Uma das características que devemos aproximar do sonho de purificação sugerido pela água límpida é o sonho de renovação sugerido por uma água fresca. Mergulha-se na água para renascer renovado.” (BACHELARD, 2002, p.151). A pureza é encontrada na água límpida e a renovação na água fresca. O reencontro do eu-lírico acontece no mar, possuidor, provavelmente, de águas límpidas e frescas. Então, pode-se dizer que nas águas deste mar, o sujeito lírico encontra-se e renasce completamente renovado, tal é o poder da água.

Para Sophia, o mar também é reino e ela torna-se a rainha:

As ondas quebravam uma à uma
Eu estava só com a areia e com a espuma
Do mar que cantava só pra mim.
As ondas quebravam uma à uma

A beleza do elemento marinho tem como único contemplador o eu-lírico. Como num reino onde o rei é aquele que possui plenos poderes e todo o espaço, observando tudo e todos, nestes versos o único apreciador torna-se rei, tendo as ondas, a areia e a espuma em seu alcance e o canto do mar oferecido somente a ele, como se o eu-lírico fosse o possuidor de toda a vastidão marinha.

Ainda há a descrição do mar como reino a partir de metáforas:

Reino de medusas e água lisa
Reino de silêncio luz e pedra
Habitação das formas espantosas
Coluna de sal e círculo de luz
Medida da Balança misteriosa.
Reino

A imensidão do mar faz com que ele se divida em vários reinos, apresentando o equilíbrio entre a água lisa e a presença dos monstros e formas espantosas, como a medusa, monstros marinhos e todas as lendas que acompanham as histórias marítimas. Para Langrouva a positividade do mar como reino:

Reino onde convergem, no silêncio e na luz, as metáforas-geometrias perfeitas da “coluna de sal” ou “eixo onde todos os equilíbrios são possíveis”; o “círculo de luz”, na sua irradiação; a medida exata da “Balança misteriosa” da relação justa do homem com o cosmos. (LANGROUVA, 2002, p. 14)

O mar depois de Sophia

*“Desde a orla do mar
Onde tudo começou intacto no primeiro dia de
mim”.*

Os mares de Sophia foram vistos a partir de três substantivos que caracterizaram perfeitamente os versos marítimos da poetisa. São eles: liberdade, identidade e reino. Com o apoio das descrições, produzidas por Lamas, sobre a poesia de Sophia, dos esclarecimentos sobre “Mar-poesia”, de Langrouva e das opiniões de Bachelard, podemos analisar e aliar os versos às bases teóricas, percorrer o itinerário do sujeito-lírico e suas relações com o mar.

A identidade marinha de Sophia foi exposta com a afirmação de que a verdadeira alma poética do sujeito-lírico é constituída de maresia e também com o desejo e a esperança de regresso da morte para viver eternamente junto ao mar. No seu verso “Desde a orla do mar/ Onde tudo começou intacto no primeiro dia de mim”, e de muitos dos seus poemas dedicados ao

mar, podemos depreender que tal contemplação de Sophia pelo mar dialoga com a contemplação da grandeza de Bachelard, pois causou no eu-lírico um estado de alma particular que o levou ao devaneio de colocá-lo fora do mundo, porém diante do infinito, que neste caso ilustra-se, como a relação eterna (infinita) do eu-lírico

Percebe-se o mar como liberdade a partir da dualidade dos espaços quarto e mar, onde a oposição entre o ambiente fechado e aberto interferiu nas ações do eu-lírico. Seus movimentos inconscientes de sonâmbulo se diferenciaram de seus movimentos livres de gaivota, opondo a prisão do quarto à liberdade do mar. Foi vista também a partir da relação entre a imobilidade do canto praia e o desejo do sujeito lírico de amá-la profundamente e unir-se aos elementos mar, vento e lua. Por último, mas não menos importante, a liberdade foi vista nos desencontros e reencontros do sujeito-lírico consigo mesmo a partir de seu desaparecimento no mundo, da sua salvação na terra, da sua busca no vento e essencialmente do seu reencontro no mar.

O mar como reino se instaura na relação de poder do eu-lírico com as ondas do mar, onde tal sujeito-lírico seria o único apreciador da vasta beleza marinha. Sendo assim, as ondas cantavam somente para ele, como se ele estivesse com plenos poderes em um reinado. Também o mar foi descrito reino a partir de metáforas que nos remetem à imaginação de um reino marinho, onde seus elementos e o equilíbrio do sujeito-lírico com os cosmos prevalecem. Identidade, liberdade e reino três substantivos que definiram os mares de Sophia. A maresia tomada como a verdadeira identidade, a imobilidade do canto praia, desencontros e reencontros do sujeito-lírico como a real liberdade e a contemplação da grandeza como reino, permitiu-nos reconhecer e compreender mais sobre a poesia “marinha” de Sophia. Seus leitores passam a ter maior

encantamento pelo mar, depois de seus poemas.

Desde 2005, no Oceanário de Lisboa, os seus poemas sobre o Mar foram colocados para leitura permanente nos locais de apreciação e descanso da exposição, permitindo aos visitantes daquele museu marinho absorverem a força da sua escrita enquanto estão imersos numa visão de fundo do mar. É considerada a mais importante poeta da literatura portuguesa contemporânea, cantora da “vida de mil faces transbordantes”.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COELHO, Eduardo Prado. **A Palavra sobre a palavra**. Porto, Portugal: Portucalense, 1972. p, 225-232.

FURTADO, Maria Teresa Dias. **O Búzio de Cós e outros poemas**. Lisboa: Caminho, 1997.

LAMAS, Estela Pinto Ribeiro. **Sophia de Mello Breyner Andresen, Da escrita ao texto**. Lisboa: Caminho, 1998.

LANGROUVA, Helena Conceição. **Mar-Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: Poética do Espaço e da Viagem**. In: Revista Brotéria, Lisboa, Maio-Junho e Julho de 2002
MEDINA, Cremilda de Araújo. **Viagem à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Nórdica, 1983. p, 179-197.

MOURÃO-FERREIRA, David. **Vinte Poetas Contemporâneos**. 2ª Edição. Lisboa: Ática, 1980. p, 173-177.

ROCHA, Clara. **Sophia de Mello Breyner Andresen: Poesia e Magia**. In: Colóquio Letras,

Abril-Setembro de 1994.

ROSA, Antonio Ramos. **Incisões Oblíquas: estudos sobre poesia portuguesa contemporânea**. Lisboa: Caminho, 1987. p, 15-20.

TORRES, Alexandre Pinheiro. **Ensaio Escolhidos II. Estudos sobre as Literaturas de Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1989. p, 105-111.

Artigo enviado em: 12/08/2010

Aceite em: 02/09/2010